

A MAIOR CRISE DO ADOLFO LUTZ

O Instituto, responsável por exames de doenças como a cólera, está com o caixa vazio e perdendo bons profissionais.

O Instituto Adolfo Lutz enfrenta uma crise sem precedentes na sua história, num momento em que pipocam os exames de suspeitos portadores de doenças infecciosas. Com salários baixos resultando em constantes pedidos de demissões de pesquisadores e técnicos especializados, o órgão ainda tem que driblar a queda do orçamento anual repassado pela Secretaria Estadual de Saúde. "Estamos administrando a crise com o dinheiro diminuindo todos os meses e funcionários saindo todos os meses", relata Anísio de Moura, diretor técnico do IAL.

A situação caótica foi denunciada ontem por pesquisadores científicos do órgão, que afirmaram temer o comprometimento dos serviços de diagnóstico laboratorial de doenças como a cólera, que pode aportar a qualquer momento em São Paulo. Citando a Organização Mundial de Saúde, que aponta a possibilidade de contaminação de 3 milhões de brasileiros, o pesquisador Jo-

sé Eduardo Tolezano alerta: "Não temos recursos humanos e materiais para atender uma demanda tão grande".

Anísio de Moura afirma que seriam necessários US\$ 3 milhões para suprir a carência por novos equipamentos. O orçamento do IAL para custear todas as despesas até o final deste ano não ultrapassa US\$ 1,2 milhão, o mais ínfimo dos últimos anos. O órgão convive com outro drama: como importa mais de 70% dos produtos que utiliza, o dinheiro de que dispõe tem relação direta com a desvalorização do cruzeiro no mercado internacional. Isso implica em conviver com uma inflação real 100% maior que a oficial.

Treinamento

Ontem foi iniciado na sede do IAL o treinamento de 20 técnicos de laboratório da Grande São Paulo. O treinamento de uma semana continua nas duas próximas com turmas do interior

paulista, dos Estados do Sul, além de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Há filiais do Adolfo Lutz em 6 municípios paulistas. O instituto tem capacidade para processar no máximo 50 exames por dia.

Atualmente, a greve dos funcionários da saúde reduziu pela metade o número de funcionários em laboratórios como o de microbiologia de alimentos, que faz a análise preliminar de todo o material colhido de vôos procedentes das áreas de risco, países onde a cólera se instalou ou constitui ameaça. A precariedade forçou soluções originais como o instrumento de coletar fezes em sanitários dos aviões. Sem similar nacional, os pesquisadores improvisaram um pedaço de cabo de vassoura com um absorvente íntimo na ponta.

Desde fevereiro, o Adolfo Lutz processou cerca de 300 amostras de aviões e afastou a possibilidade de cólera no exame de oito suspeitos. A orientação, segundo a pesquisadora Miyoko

Jakabi, é encaminhar para análise as fezes de todas as pessoas com diarreia, procedentes de regiões infectadas pelo *Vibrio Cholerae*, o bacilo da cólera. O diretor do IAL obteve a promessa do secretário da Saúde, Nader Wafae, de contratar 10 funcionários para os laboratórios que analisam amostras de cólera e mais 20 para o setor de virologia, que cobre doenças como a dengue.

Concorrência

Há necessidade de contratar 150 funcionários para as mais diversas áreas e pedido nesse sentido foi encaminhado ao governo desde o final de 89, sem resposta. A evasão de servidores rumo a Prefeituras como a de São Paulo, que pagam três vezes mais que o IAL, chega a 30%. A mais recente perda é a de uma farmacêutica-bioquímica que trocou o diagnóstico de Aids pelos tribunais, onde vai exercer sua segunda profissão: advocacia.

Stella Galvão